

Fabio Cesar Alves

ARMAS DE PAPEL

Graciliano Ramos, as *Memórias do cárcere*
e o Partido Comunista Brasileiro

Prefácio de Francisco Alambert



editora ■ 34

ARMAS DE PAPEL
Graciliano Ramos, as *Memórias do cárcere*
e o Partido Comunista Brasileiro

Prefácio, <i>Francisco Alambert</i>	7
Apresentação.....	17
1. Um homem de partido	19
O narrador e o seu leitor	19
A crítica: entre transparência e opacidade.....	50
As estações do cárcere	58
Da escravidão à sedição.....	66
2. A sociabilidade cordial e os subterrâneos do espírito	85
Os “carrascos amáveis”	86
O carrasco de si mesmo	125
3. “Quem trabalha é que tem razão”: figurações da malandragem	163
A polícia de Vargas e o “curral de arame”	164
O mundo dos sem-trabalho	178
Os militantes e as “criaturas perdidas”	207
4. A força do concreto e a toada irrealista.....	225
Um jogo perigoso	228
Apóstolos e apóstatas	256
A guerra semântica	271
A batalha campal.....	282
5. A dimensão privada da história pública	291
Apêndice: As personagens das <i>Memórias</i>	305
Anexo: Carta de Graciliano Ramos a Getúlio Vargas.....	311
Agradecimentos.....	315
Referências bibliográficas.....	317
Crédito das imagens.....	331
Sobre o autor	333

Experiência, figuração e engajamento

Francisco Alambert

Para quem tem os olhos bem abertos, examinar a história da cultura e das artes no Brasil do século XX significa perceber, entre muitas outras coisas, os indícios e a presença (às vezes explícita, às vezes implícita) do pensamento marxista, do raciocínio dialético e da sensibilidade de esquerda que, difusa, estrutura estéticas, define posições. Na literatura e no mundo literário, sempre podemos buscar compreender essa presença a partir das obras de escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Drummond ou, mais recentemente, Paulo Lins — cujo romance *Cidade de Deus* (“descoberto” pelo crítico literário Roberto Schwarz, que leu uma primeira prova do livro e incentivou o autor a terminá-lo) parece haver se tornado, no início do século XXI, emblemático da retomada de uma autorreflexão impiedosa. No ângulo da crítica, a presença ainda decisiva de pensadores como Antonio Candido e o próprio Schwarz, para ficar apenas em dois exemplos célebres, pode corroborar a hipótese.

A meu ver, o livro de Fabio Cesar Alves está plenamente contido nesse universo, em forma e conteúdo. E é também, do ângulo da crítica literária, uma realização prodigiosa dessa tradição adentrando e se sofisticando no novo século. Pois o que o leitor tem em mãos é um estudo notável, excelente, escrito com elegância e objetividade exemplares, por um jovem crítico que desdobra, atualiza e inova diante de seus mestres.

Estou longe de ser um desses mestres, ou mesmo um especialista no tema. Mas sou um leitor curioso e desconfiado, e acredito que os leitores versados na imensa e profundíssima fortuna crítica de Graciliano Ramos ficarão tão surpresos quanto eu ao desco-

brir, graças à pesquisa cuidadosa e dedicada de Fabio, que uma compreensão de *Memórias do cárcere* e sua forma literária especialmente a partir da figura do narrador nunca havia sido levada a cabo. A crítica no Brasil (não apenas a de literatura) nos espanta por seus momentos agudos tanto quanto por sua recorrente indigência e desatenção.

Do ponto de vista do esclarecimento histórico-literário, este livro marca um ponto que fará dele referência fundamental para os estudos sobre Graciliano daqui em diante: a demonstração do caráter da “crispação” como forma narrativa e como figuração esclarecedora da condição do escritor-pensador no contexto da Era Vargas. A tese de Fabio desvenda o contexto histórico e ideológico no qual Graciliano vivia, definido como um “cárcere dentro do cárcere”. E desse lugar, que é histórico mas é também o ponto central da matéria literária, o escritor criará a narrativa que sintetiza a tríade, materialista aliás, da experiência histórica, da sua figuração ideológica e de seu destino engajado. Toda a matéria, plano e fundo do extraordinário romance-depoimento-ensaio de Graciliano Ramos toma forma e se revela novamente para nós, seus leitores e agora leitores de seu crítico.

Armas de papel é um estudo exemplar também por seu método multidisciplinar. O livro do crítico é elaborado, da mesma forma que *Memórias do cárcere*, como uma narrativa de “gênero híbrido”: situa-se entre o exame minucioso do crítico literário e a narrativa explicativa do historiador. Por isso este livro é fundamental tanto para críticos de literatura quanto para sociólogos e historiadores das ideias. Ou para qualquer um que queira entender melhor o grande romancista e seu país.

Aprendemos com este livro que um dos lances mais interessantes que decorrem do peculiar memorialismo crítico de Graciliano Ramos é a maneira com que o escritor elabora a ideia de “experiência”. Como em sua linguagem “seca” e “dura”, já tão celebrada e analisada pela fortuna crítica, predomina sempre em sua elaboração intelectual certo empirismo que, a princípio, reduziria o alcance da reflexão (o próprio Graciliano reforçava essa atitude, por exemplo, quando frequentemente rangia contra qualquer coi-

sa que lhe parecesse “fumaceira teórica”). Mas a análise de Fabio Alves mostra que, ao contrário do que parece, esse empirismo é um peculiar materialismo histórico (ou, como diz o crítico em outra bela definição, é um particular “senso do concreto”). Por exemplo: todas as reflexões que Graciliano elabora sobre a situação agrária no Nordeste são basicamente empíricas. Mas as conclusões a que chega através dessa relação com a experiência direta não se esgotam no empirismo ou em suas consequências ortodoxas. A experiência elaborada pelo narrador crispado o faz ver que não se pode falar em “feudal” para descrever o patriarcalismo nordestino. Daí ele usa a imagem do “patriarcalismo bíblico”, que, como Fabio nota, em um texto histórico seria uma imagem desistoricizante, mas na rememoração ganha sentido histórico preciso e mostra a anti-historicidade do conceito de feudalismo aplicado ao Brasil agrário (como era dogma entre os intelectuais do Partido Comunista à época). Na verdade, Graciliano Ramos chega à mesma conclusão do historiador Caio Prado Jr., mas por vias completamente diferentes.

Por essas e outras, o livro nos mostra um Graciliano próximo aos célebres “Intérpretes do Brasil”, ao mesmo tempo que um participante ativo da crise que tocava os intelectuais da década de 1940. Uma condição histórica que pedia prudência, mas, como o próprio escritor diz, uma “prudência que de fato me humilhava”. Esse o mote, doloroso e paradoxal, deste narrador-ensaísta-crítico social.

Isso leva a outra vereda que o livro nos abre. A questão da imobilidade prática do intelectual modernista de esquerda na década de 1940 e sua peculiar “torre de marfim”, que é figurada na narrativa de *Memórias*, é também uma tirada genial do crítico. Normalmente, na historiografia literária, a questão é apresentada apenas em termos de ceticismo e desapego do mundo. Aqui acompanhamos, através de Graciliano, o caminho dessa “prudência humilhante” que foi também uma passagem para o difícil retorno ao engajamento depois das catástrofes do período.

É preciso notar que essa condição não é apenas brasileira ou local. É a condição de quase toda a esquerda na conjuntura do pós-